

A Rota do Mineroduto

4

BELO HORIZONTE
Região Metropolitana

Itapemirim e Piúma são os destaques do quarto caderno da série especial sobre os municípios situados na zona de influência da Samarco Mineração. **O turismo e a pesca** são as principais atividades econômicas destes dois municípios, que sonham agora, com a descoberta de grandes jazidas de petróleo na região, em atrair empresas de suporte à atividade petrolífera para diversificar suas economias.

A Rota do Mineroduto é uma extensa faixa de terra, no extremo sul do Espírito Santo, que reúne **491 mil habitantes** e um PIB de **R\$ 3,1 bilhões**, equivalente a **10,9%** da riqueza estadual.

A região é alvo de um megainvestimento de **US\$ 1,1 bilhão**, que inclui a implantação de uma nova linha de tubos e da terceira usina de pelotas. O investimento insere estes municípios no contexto da atuação globalizada da Samarco e abre um novo leque de oportunidades para a geração de empregos e renda na região.



QUEM FAZ PARTE DA ROTA

Município	População	PIB (R\$ milhões)	
1	Dores do Rio Preto	6.662	23,8
2	Guaçuí	27.302	104,0
3	Alegre	32.377	97,0
4	Muniz Freire	19.449	50,9
5	Jerônimo Monteiro	10.130	32,9
6	Cachoeiro de Itapemirim	191.033	1.184,3
7	Vargem Alta	19.579	79,0
8	Itapemirim	31.334	234,9
9	Rio Novo do Sul	11.921	42,0
10	Piúma	17.838	67,0
11	Anchieta	21.352	835,5
12	Guarapari	102.089	429,9
	Total da Rota	491.066	3.181,2
	Total do ES	3.352.024	28.954,5
%	Participação	14,64%	10,98%

Fonte: IBGE



8 Piúma

Área	73,5 Km2
População	17.838
Densidade	242,69 hab/km2
Domicílios (Total)	4.114
- Urbano	3.882
- Rural	232
Residências ligadas à rede de água	3.800
Domicílios ligados à rede de esgoto	1.827
População Economicamente Ativa	7.314
Salário médio mensal	R\$ 515,21
Massa mensal de salários formais (dez 2005)	R\$ 1,05 milhão
Número estabelecimentos formais	265
Empregos com carteira assinada	1.454
Estabelecimentos de saúde	14
Matrículas escolares	3.921
- Ensino fundamental	3.134
- Ensino médio	727
- Ensino superior	Não informado
Instituições financeiras	1
Movimento financeiro	R\$ 7,15 milhões
- Operações de crédito	R\$ 1,79 milhão
- Depósitos à vista	R\$ 1,48 milhão
- Poupança	R\$ 3,62 milhões
- Depósitos à prazo	R\$ 262,13 mil

Fonte: IBGE/MTE(Rais)



10 Itapemirim

Área	557,16 km2
População	31.334
Densidade	56,23 hab/km2
Domicílios (Total)	7.364
- Urbano	4.278
- Rural	3.086
Residências ligadas à rede de água	4.774
Domicílios ligados à rede de esgoto	718
População Economicamente Ativa	12.567
Salário médio mensal	R\$ 342,72
Massa mensal de salários formais (dez 2005)	R\$ 1,83 milhão
Número de estabelecimentos formais	332
Empregos com carteira assinada	2.953
Estabelecimentos de saúde	24
Matrículas escolares	6.188
- Ensino fundamental	5.296
- Ensino médio	892
- Ensino superior	Não informado
Instituições financeiras	3
Movimento financeiro	R\$ 28,31 milhões
- Operações de crédito	R\$ 10,79 milhões
- Depósitos à vista	R\$ 4,21 milhões
- Poupança	R\$ 10,39 milhões
- Depósito a prazo	R\$ 2,9 milhões

Fonte: IBGE/MTE(Rais)

Renda que vem da praia e do canavial

Piúma tem sua economia ligada ao turismo de verão e ao artesanato de conchas; em Itapemirim, a indústria açucareira tem o maior peso no PIB

A praia está para Piúma assim como a indústria açucareira para Itapemirim. No primeiro, a renda que sustenta as famílias vem, basicamente, de atividades diretamente ligadas ao mar: o turismo de verão e o carnaval de massa; a pesca artesanal e a produção de artesanato de conchas marinhas. Já Itapemirim tem um terço de seu Produto Interno Bruto (PIB) assentado na produção de açúcar e álcool pela Usina Paineiras.

O setor industrial tem o maior peso na economia de Itapemirim, com 1.196 empregos formais, o equivalente a 40,5% do total. A indústria açucareira lidera com 513 vagas (17,37%). A agricultura é o segundo maior empregador, com 786 vagas (26,6%), sendo 593 no cultivo da cana-de-açúcar. O município possui ao

todo 2.953 postos formais de trabalho, conforme censo elaborado pelo Ministério do Trabalho e Emprego. Piúma tem um total de 1.454 vagas.

O comércio e os serviços têm maior expressão em Piúma, onde, somados, chegam a absorver 51,2% da mão-de-obra formal. A cidade conta com uma infraestrutura maior de estabelecimentos destinados a receber o turista, com dezenas de bares, restaurantes, hotéis, lojas de confecções, mercearias, supermercados. Em Itapemirim, os dois setores empregam 942 pessoas com carteira assinada, correspondendo a apenas 32% das vagas.

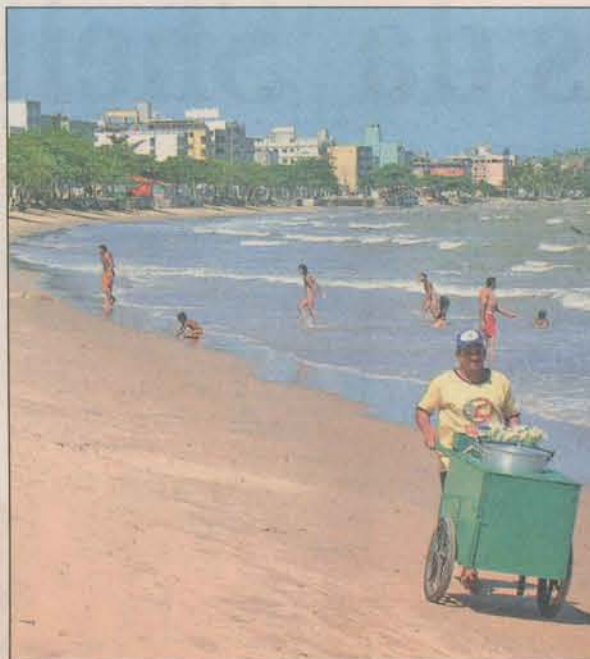
FOCO

Piúma é um município urbano. A agricultura praticamente não existe. São apenas 32 empregos, equivalendo a inexpressivos

2,4% do universo de vagas formais do município.

As economias de Piúma e Itapemirim são pouco diversificadas, conforme indica a Rais 2005. Piúma possui apenas 71 atividades econômicas diferentes, o que corresponde a um índice de diversificação de 14,63% em relação às 485 atividades existentes no Espírito Santo e de 11,56% em comparação com as 614 do Brasil. Em Itapemirim, onde existem 78 atividades diferentes, os índices são, respectivamente, 16,08% e 12,7%.

O setor público é grande empregador em Piúma, com 528 registros em carteira, 36,3% do total. Em Itapemirim, só há 32 registros (1,08%). O primeiro utiliza basicamente servidores celetistas – regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). O segundo, trabalha com corpo funcional de estatutários.



Comércio informal em Piúma e plantação de cana da Usina Paineiras, em Itapemirim: vizinhos com perfis econômicos diferentes

Informalidade é elevada

Os barquinhos de pesca, os quiosques de coco e cerveja e os estandes de artesanato estão em todos os lugares. Fazem parte da paisagem e da cultura do lugar. A atividade só não aparece no papel. Não há declaração de renda, recolhimento de impostos, contribuição à Previdência e nem carteira assinada. Até na Relação Anual de Informações Sociais (Rais), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), ela é invisível.

Duas âncoras econômicas e sociais de Itapemirim e Piúma, o turismo e a pesca, se caracterizam pela informalidade acentuada. A cerveja e o peroá imperam nas barra-

quinhas das praias, mas são raros os garçons com carteira assinada. O artesanato de conchas marinhas, típico de Piúma, e o de sementes de árvores, tradicional em Itapemirim, são produzidos, em sua maioria, em regime familiar.

Na pesca, predomina o sistema de partilha do peixe entre o dono do barco e as equipes de captura. Na maioria dos casos não há salários e nem registro em carteira. Os empregos formais estão concentrados no segmento de comércio atacadista de pescados. Em função disso, a pesca gera apenas 132 empregos formais em Itapemirim e 31 em Piúma.

OFERTA DE EMPREGOS POR ATIVIDADE ECONÔMICA

ITAPEMIRIM

ATIVIDADES	EMPREGOS (*)
Agricultura	786
• Cultivo de cana-de-açúcar	593
• Criação de bovinos	133
• Criação de suínos e outros animais de grande porte	8
• Produção mista: lavoura e pecuária	12
• Atividades de serviços relacionados com a agricultura e pecuária	31
• Outros	9
Indústria	1.196
• Extração de pedra, areia e argila e outros minerais não-metálicos	7
• Britamento, aparelhamento e outros trabalhos em pedras	360
• Preparação e preservação do pescado e fabricação de conservas de peixes	3
• Usinas de açúcar	513
• Fabricação de esquadrias de madeira, de casas de madeira pré-fabricadas	5
• Fabricação de produtos cerâmicos refratários e não-refratários	239
• Metalurgia do alumínio e suas ligas	3
• Distribuição de energia elétrica	8
• Edificações (residenciais, industriais, comerciais e de serviços)	21
• Outros	37
Comércio	508
• Comércio a varejo e por atacado de veículos automotores	22
• Com. a varejo e por atacado de peças e acessórios para veículos	6
• Comércio a varejo de combustíveis	29
• Comércio atacadista de pescados	132
• Com. atacadista de madeira, material de construção, ferragens e ferramentas	36
• Com. varejista geral (mercearia, super e hipermercado, padaria, açougue, confecções, armário, móveis e decoração, material de escritório, papelaria, livraria, farmácia, material	

de construção e ferragens)	265
• Bares, lanchonetes e similares	8
• Outros	10
Serviços	434
• Estabelecimentos hoteleiros e de alojamento	10
• Transporte rodoviário de passageiros, regular, não urbano	11
• Manutenção e reparação de veículos automotores	3
• Bancos múltiplos (com carteira comercial)	24
• Condomínios prediais	4
• Atividades jurídicas	7
• Atividades de contabilidade e auditoria	4
• Ativ. de imunização, higienização e de limpeza em prédios e em domicílios	56
• Outras ativ. de serv. prestados principalmente às empresas	120
• Educação infantil-pré-escola	14
• Atividades de atendimento hospitalar	106
• Atividades de atenção ambulatorial	13
• Atividades de serviços de complementação diagnóstica	13
• Outras atividades relacionadas com a atenção à saúde	2
• Atividades de organizações associativas (sindicatos, entidades patronais, igrejas)	32
• Outros serviços	12
Administração pública em geral	32
• Total	2.953

PIÚMA

ATIVIDADES	EMPREGOS (*)
Agricultura	35
• Criação de bovinos	26
• Produção de sucos de frutas e de legumes	6
• Outros	3
Indústria	147
• Britamento, aparelhamento e outros trabalhos em pedras	7

• Fabricação de produtos alimentícios	8
• Curtimento e outras preparações de couro	13
• Fabricação de esquadrias de madeira, de casas de madeira pré-fabricadas	2
• Fabricação de produtos cerâmicos refratários e não-refratários	16
• Captação de água e distribuição de energia elétrica	23
• Construção Civil	60
• Outros	18
Comércio	511
• Com. a varejo e por atacado de peças e acessórios para veículos	12
• Comércio a varejo de combustíveis	37
• Comércio atacadista de pescados	31
• Com. atacadista de madeira, material de construção, ferragens e ferramentas	86
• Com. varejista geral (mercearia, super e hipermercado, padaria, açougue, confecções, armário, material de escritório, móveis, papelaria, livraria, farmácia)	245
• Restaurantes, lanchonetes e similares	56
• Outros	44
Serviços	234
• Estabelecimentos hoteleiros e de alojamento	18
• Transporte rodoviário de passageiros, regular, não urbano	91
• Manutenção e reparação de veículos automotores	3
• Bancos múltiplos (com carteira comercial)	7
• Condomínios prediais	14
• Atividades jurídicas	1
• Atividades de contabilidade e auditoria	3
• Ensino fundamental	28
• Atividades de atendimento hospitalar	4
• Atividades de organizações associativas (sindicatos, entidades patronais, igrejas)	36
• Processamento de dados	4
• Outros serviços	25
Administração pública em geral	528
• Total de empregos	1.454

Conchinhas da 'Shell' de lembrança

FOTOS: JA SARCINELLI

Peças de artesanato produzidas a partir de escamas de peixe e de conchas são atrações da cidade; produção anual já girou em torno de 50 toneladas

Todo turista gosta de ter em casa uma pequena lembrança das cidades visitadas. Normalmente são peças com temas ou material típicos daquele lugar. Piúma, que tem no mar sua principal fonte de renda, oferece aos visitantes lembranças feitas com o que o mar tem de mais abundante: conchas e peixes. São famosas as peças, especialmente as flores, elaboradas com escamas de peixes e conchas recolhidas nas areias de suas praias. E entre as peças em concha, as preferidas dos visitantes são as que trazem a *coquille Saint-Jacques* ou Vieiras, famosa em todo o mundo por fazer parte da logomarca da Shell.

A *coquille Saint-Jacques* está presente na região graças à produção em escala comercial em fazenda marinha situada no município vizinho de Anchieta. Por enquanto, as peças são exclusivas da artesã Kátia Welerson, sócia da lojinha Oficina de Idéias e uma das 12 integrantes do Núcleo de Produção e Comercialização de Artesanato (NPCA), de Piúma.

O fato de o marido ser o biólogo da fazenda e de poder usar na produção de artesanato as conchas que morrem antes de atingir o tamanho próprio para a comercialização – largura de sete centímetros – permite a ela trabalhar com este material. A concha é uma iguaria muito apreciada pelos amantes da gastronomia e apresenta valor comercial elevado, o que motivou a implantação do negócio. Segundo ela,

quase a metade das conchas morrem durante o processo de crescimento, o que garante farto material para o artesanato.

No ramo há dez anos, Kátia diz que a "conchinha da Shell", com sete centímetros de largura, chega a ser vendida para o exportador por até US\$ 15,00 a unidade. As mais valorizadas são as em tom laranja e com nódulos. Ela já chegou a vender 400 peças, a R\$ 2,00 cada, para um restaurante de Vitória. As conchas seriam usadas como "colheres". No momento, negocia com um exportador o fornecimento regular de conchas *coquille*.

ESCALA

Piúma já chegou a produzir por ano 50 toneladas de artesanato. Hoje o volume é um pouco menor. O número de pessoas envolvidas na atividade continua elevado, em torno de 3 mil. A maioria atua em oficinas caseiras, de fundo de quintal, revela a artesã. Segundo Kátia, a produção é vendida não só na cidade, mas em todo o Brasil e também no exterior, no varejo e no atacado.

Kátia diz que metade de sua casa foi construída com o dinheiro originário do artesanato de conchas. Na baixa temporada, a demanda local cai muito e ela se volta para as vendas no atacado para fora do Estado. As encomendas são de no mínimo R\$ 500,00. Ela conta que junto com outros 11 artesãos criou o NPCA para a produção em grande escala de peças em conchas sob encomenda.



A artesã Kátia exibe peça feita com a *coquille Saint-Jacques* (no destaque), da logomarca da Shell

UM SHOW DE CORES E CRIATIVIDADE

As peças de artesanato produzidas em Piúma e Itapemirim são alegres e coloridas como o seu povo. Predominam temas florais e marinhos, influên-

cia de uma natureza muito viva e presente na região. Os arranjos são harmoniosos e delicados, apesar da simplicidade e rusticidade do material.



Bonito made in Piúma

Bonito, no Mato Grosso do Sul, se projetou nacionalmente como um lugar encantador e de belezas exóticas. A cidade recebe milhares de visitantes por ano e tem no turismo uma grande fonte de renda. São pessoas de várias partes do país que voltam para suas casas felizes e com pequenas "lembrancinhas" da cidade na mala. Algumas dessas "lembrancinhas", como as pequenas bolas de cheiro, curiosamente, são produzidas em Piúma, no litoral capixaba, a mil quilômetros de distância dos Cerrados.

As peças já saem de Piúma com a inscrição "Lembrança de Bonito (MS)" impressa, revela Kátia Welerson, uma das artesãs que exportam peças para Bonito. Todo mês, envia, através dos Correios, 100 bolas de cheiro e 100 bloquinhos, revela. Os bloquinhos têm um charme extra: a lombada é feita com aparas de pergaminho fornecidas por uma indústria local

As bolas de cheiro são feitas com elementos da natureza de Piúma. Elas também vêm na forma de árvores. São peças multicoloridas que cumprem o que o nome promete: um perfume agradável, ideal para pequenas ambientes da casa ou para dar um cheirinho especial às roupas e lençóis guardados em cômodas e armários. Elas são feitas com cravo, café, flores desidratadas, sementes de árvores, açai, pau-brasil, buchas e vegetais diversos.

Em Bonito, o turista paga pela peça R\$ 15,00. Nas barraquinhas de artesanato de Piúma, elas saem por R\$ 5,00 a unidade. O revendedor tem um lucro bruto de 200% por peça e a cidade um ganho duas vezes maior que o da localidade que originou o produto.

FACÇÃO

Produzir uma peça e colocar nela a marca de outra empresa

é uma operação comum no mundo dos calçados e das confecções e que recebe o nome de facção. Para a empresa produtora, representa uma venda segura e uma entrada firme de recursos. Há, porém, o sacrifício da divulgação da marca própria no mercado. Na mente dos consumidores, ficará marcado para sempre o nome da *griffe* estampada na peça e não de quem de fato a produziu. As bolas de cheiro ajudam a projetar Bonito – e não Piúma – no mercado turístico nacional.

Kátia diz que cidades do Espírito Santo e Rio de Janeiro também utilizam artesanato "made in Piúma" como seus. Aracruz é um exemplo regional e Paquetá, Búzios e Rio das Ostras são casos de cidades do estado vizinho que colocam seus nomes em peças produzidas pelos artesãos do município. "Todo o artesanato de Paquetá é de Piúma", afirma.



As bolas de cheiro são vendidas aos turistas em Bonito (MS) como lembrança da cidade

Pólo de pesca envolve cinco mil famílias

A atividade é mais concentrada em Itaipava e Itaoca, distritos de Itapemirim; junto com Piúma, formam a maior cadeia produtiva de peixes do Estado

Elas partem sempre bem cedo e passam até 15 dias no mar. As famílias, em terra, aguardam pelo retorno do ente querido e por muitos peixes. É daquilo que o mar proporciona que está a sobrevivência destas pessoas. Em Itaipava, maior comunidade pesqueira do Estado, são 2,6 mil famílias vivendo diretamente da atividade. Há ainda Itaoca, onde a pesca é forte, e também Piúma, onde existem pelo menos mais mil pescadores artesanais. Entre formais e informais, estima-se que pelo menos 5 mil famílias estão às voltas com a pesca em Itapemirim e Piúma, formando o maior pólo pesqueiro do Espírito Santo.

Itaipava é o maior ponto de recepção do pescado na região. Ali partem e chegam os grandes bar-

cos que pescam em alto mar. É ali também que são desembarcados os peixes de maior porte e mais valorizados, como o atum. É onde também a Prefeitura de Itapemirim mantém um funcionário com a função de coletar dados diários sobre o movimento da pesca. O responsável pela tarefa, Clério Neves Benevides, diz que o objetivo é o de organizar o setor e tentar reduzir a evasão. A prefeitura quer, desta forma, "engordar" o Valor Adicionado Fiscal (VAF) e a participação do município no bolo do ICMS estadual.

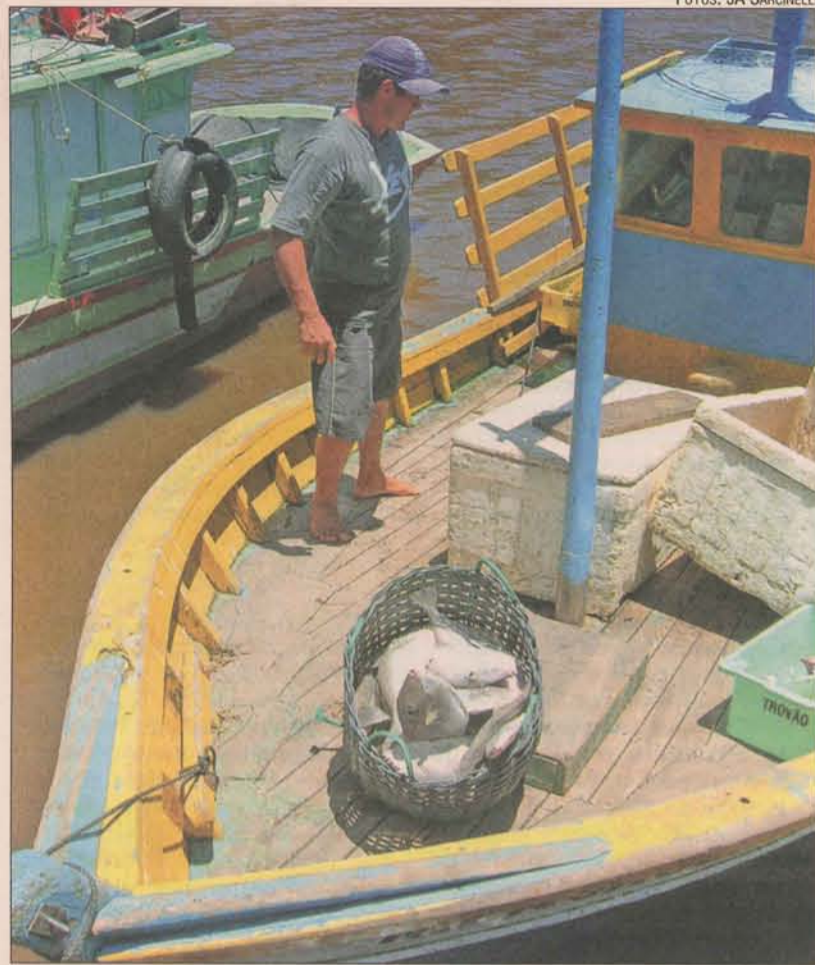
Clério revela que das 4 mil famílias residentes em Itaipava, 65% vivem direto da pesca. Das 35% restantes, 15% vivem do que ele chamou de "rapa da pesca", que são aqueles que vendem produtos ou serviços para os pescadores. "Se a pesca

enfraquece, o comércio enfraquece junto. A comunidade tem que rezar e zelar pelos pescadores". O maior problema dos pequenos pescadores é o custo dos insumos, principalmente gelo e óleo diesel.

DISTÂNCIA

Valcenir Rocha Evangelista é um dos moradores de Itaipava que sustenta a família com a pesca. Ele conta que a meta de todos é encher o barco com atum, mas a captura do peixe está cada vez mais difícil. Ele pesca em Itapemirim e Cabo Frio e chega a navegar 100 milhas (180 quilômetros) ao longo da costa atrás de atum e dourado. "O peixe está cada vez mais longe. Ele vem de fora e temos que buscá-lo em alto mar", revela.

A captura é feita com anzol e linha e enquanto tiver gelo e peixe, Valcenir e os seis companheiros de sua equipe ficam no mar. Normalmente voltam com três ou quatro toneladas de peixe. São normalmente duas saídas por mês para Cabo Frio. O dono do barco fica com 40% da renda líquida (descontada as despesas). O atum pesa em mé-



Renato Ramos: 50 quilos em dias ruins; 200 quilos em dias bons

dia 40 quilos e o quilo estava cotado a R\$ 10,00. O dourado sai por R\$ 3,00 o quilo. Em cada viagem, 90% do pescado são da espécie dourado.

Predomina, porém, a pesca artesanal em pequenas embarcações, principalmente a de peróá

e cação. Renato Ramos, de Piúma, se afasta normalmente cinco milhas da costa. Parte na madrugada e volta antes do entardecer. No último sábado capturou 50 quilos entre cação e peróá. Quando o dia está bom, pesca de 150 a 200 quilos.

Muito serviço para entalhador de rede

No maior pólo pesqueiro do Estado, não falta serviço, em terra, para aqueles que cuidam dos apetrechos dos homens do mar. Jodelson dos Santos Barbosa, de 31 anos, vive da pesca sem precisar entrar em um barco. Ele é entalhador de rede, com 15 anos de experiência, um ofício que aprendeu com o pai.

Ele passa o dia na orla de Piúma, sob os coqueiros, manejando sem parar a agulha. Malha por malha, a peça é fixada nas cordas de forma artesanal. "Tem que ter muita paciência", admite. No final, o esforço compensa. O serviço rende por mês, em média, R\$ 500,00.

No último sábado, ele estava entalhando 200 metros de rede. Mas há casos em que o serviço, contando os dois lados, supera a um quilômetro. Em situações assim, Jodelson recorre à ajuda de seu Alair Miranda, de 54 anos, outro entalhador da região. São poucos os que dominam o ofício na cidade.

Jodelson conta que há demanda regular pelo serviço porque as redes estão sempre sujeitas a sofrer avarias. "Há vezes em que um navio passa por cima e acaba com tudo. E aí tem que fazer uma nova rede". As peças entalhadas pelo artesão são fabricadas em São Paulo.



Joel: exportação e importação

Empresas querem se globalizar

O comércio atacadista de pescado quer se globalizar. Algumas empresas, como a Atum do Brasil, já estão há anos exportando os mais diferentes tipos de peixe para a Europa e Estados Unidos. As demais só agora decidiram investir no mercado externo, em função de uma competição cada vez mais acirrada no país.

Pelo menos três empresas de Piúma estão se preparando para exportar peixes. Uma delas é a Zipilima, que tem planos de trabalhar também com a importação de salmão. "O custo do peixe no Brasil é muito elevado", justifica o fundador da empresa, Joel Fernandes de Lima. As outras duas são a ACS e a Estrela do Sul.

O projeto de exportação da Zipilima foi aprovado pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF). O investimento totaliza R\$ 1,5 milhão.

Cioba é o peixe mais exportado para os EUA

A Atum do Brasil, maior empresa de pescado da região, com um volume anual de vendas, entre mercado doméstico e exportação, da ordem de 600 toneladas, tem na cioba o seu carro chefe de vendas. O empresário Palmerino Alves de Almeida diz que o peixe é o mais exportado para os Estados Unidos e que não há explicação para esta preferência. "Assim como a corvina é o peixe mais popular e com mais vendas no Brasil, lá é a cioba", resume.

As exportações correspondem a 40% das vendas totais da empresa. A linha regular de produtos inclui dez variedades: cioba, mulata, dentão, vermelho, cherne, garopa, meca (espardate), pargo, dourado e cavala. O mercado é bem diluído. "Vendemos um pouco em cada lugar", diz.

A empresa atende dois nichos de mercado dos mais curiosos. Um deles é o formado pelos hos-

pitais norte-americanos especializados em pacientes com problemas intestinais crônicos. Há um peixe, de nome prego, que tem altíssimo poder paregórico, muito demandado por estes hospitais. São servidas porções aos pacientes.

Outro nicho curiosos é o do peixe sapo ou peixe monstro. É uma espécie abissal, abundante no litoral do Rio de Janeiro. A Atum do Brasil tem uma linha própria só para este peixe. Ele é limpo, cortado em pequenos cubos e remetido em embalagem especial para a Suíça, onde tem grande aceitação. A carne é macia e não tem espinhos.

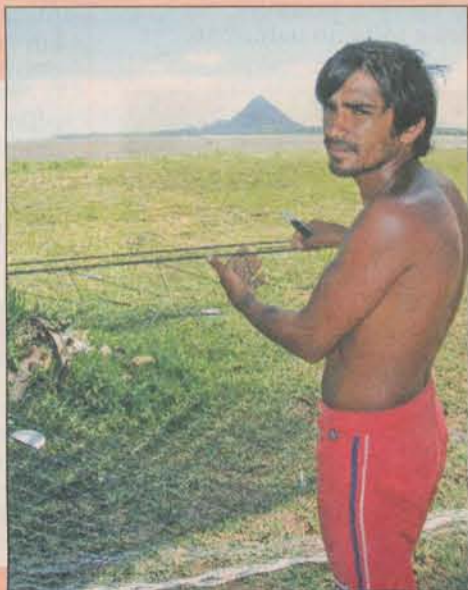
A Atum do Brasil emprega 100 funcionários e compra 90% do peixe que comercializa. A frota própria, de 15 barcos, proporciona só 10% da produção. O problema, hoje, é o câmbio, que está muito defasado. Palmerino defende uma cotação de R\$ 2,50 para o setor pelo menos respirar.



Palmerino Almeida, da Atum do Brasil, reclama da cotação do dólar; no destaque, as espécies dourado e cavala



Jodelson presta serviço para os pescadores de Piúma e consegue faturar por mês R\$ 500,00 com o ofício



Quiosques criam central de compras

Eles não têm MBA, pós-graduação e nem mestrado. Não cursaram nenhuma *business school* ou universidade no exterior, mas conhecem a fundo um dos negócios mais movimentados de Piúma e sabem que é através da escala que se consegue negociar preço com os fornecedores. São os 47 empresários que exploram os quiosques da praia e que criaram uma cooperativa de consumo para comprar em condições mais vantajosas cerveja, refrigerante, água mineral, coco, espetinhos e outros itens com grande demanda no verão.

A Cooperpiúma é, certamente, a primeira experiência do gênero no Estado e uma das poucas no país. Criada em 15 de outubro, realiza a primeira grande compra conjunta na próxima semana. O integrante do conselho fiscal e dono de um dos quiosques líderes em vendas na região, Sebastião Pereira de Carvalho, do Quiosque da Loira, revela a meta de compras para a nova temporada: 90 mil caixas de cerveja, 40 mil de refrigerante e 4 mil de água mineral, além de 50 mil cocos, milhares de espetinhos e um grande estoque de bebidas quentes como uísque, ice e vinho.

Sebastião acredita que através da compra conjunta o grupo poderá negociar desconto de 12%. O empresário foi o campeão de vendas em um dos últimos carnavais, com um total de mil caixas de cerveja. "A Brahma me convidou pa-

ra o seu camarote no Festival de Alegre. Mandou carro me buscar e tudo o mais. Fui aquele que mais vendeu cerveja da marca na praia de Piúma". No verão, o Quiosque da Loira funciona 24 horas por dia, com 12 freezeres abarrotados de cerveja, e emprega 23 pessoas. O empresário quer repetir o desempenho na nova temporada.

ICMS

Para incentivar a criação da cooperativa, a prefeitura cedeu um galpão para o estoque da bebida e decidiu que só os quiosques cooperados terão alvará de funcionamento. Dos 47 estabelecimentos, dois ainda não fazem parte da entidade. A medida tem um objetivo: forçar a organização e reduzir a informalidade. O secretário de Desenvolvimento, João Carmo, explica que a maior parte da cerveja vendida na orla não tem guia fiscal e não é incluída no Valor Adicionado Fiscal (VAF) do município.

O VAF é o principal item na apuração do Índice de Participação dos Municípios (IPM) no bolo do ICMS estadual. A participação de Piúma é de apenas 1,17%, um dos mais baixos do Estado. O IPM é calculado todo ano com base na movimentação econômica do ano anterior. Só da venda de cerveja dos quiosques, serão R\$ 6,4 milhões de acréscimo no VAF, refletindo diretamente no valor do repasse de ICMS ao município, a partir de 2008.



Sebastião Carvalho e o secretário João Carmo: parceria

Bolha de consumo depois do verão

O verão e o carnaval têm um forte efeito indutor sobre toda a economia de Piúma. Durante e depois. Finda a folia e a temporada, a cidade não mergulha em uma espécie de era glacial. Ao contrário, há uma bolha de consumo originária dos moradores locais que mantém o comércio aquecido por vários meses. "São as pessoas gastando aquilo que ganharam no verão. Há casos de rapazes que trabalham um mês e pouco como garçom e depois compram uma moto", revela o secretário João Carmo.

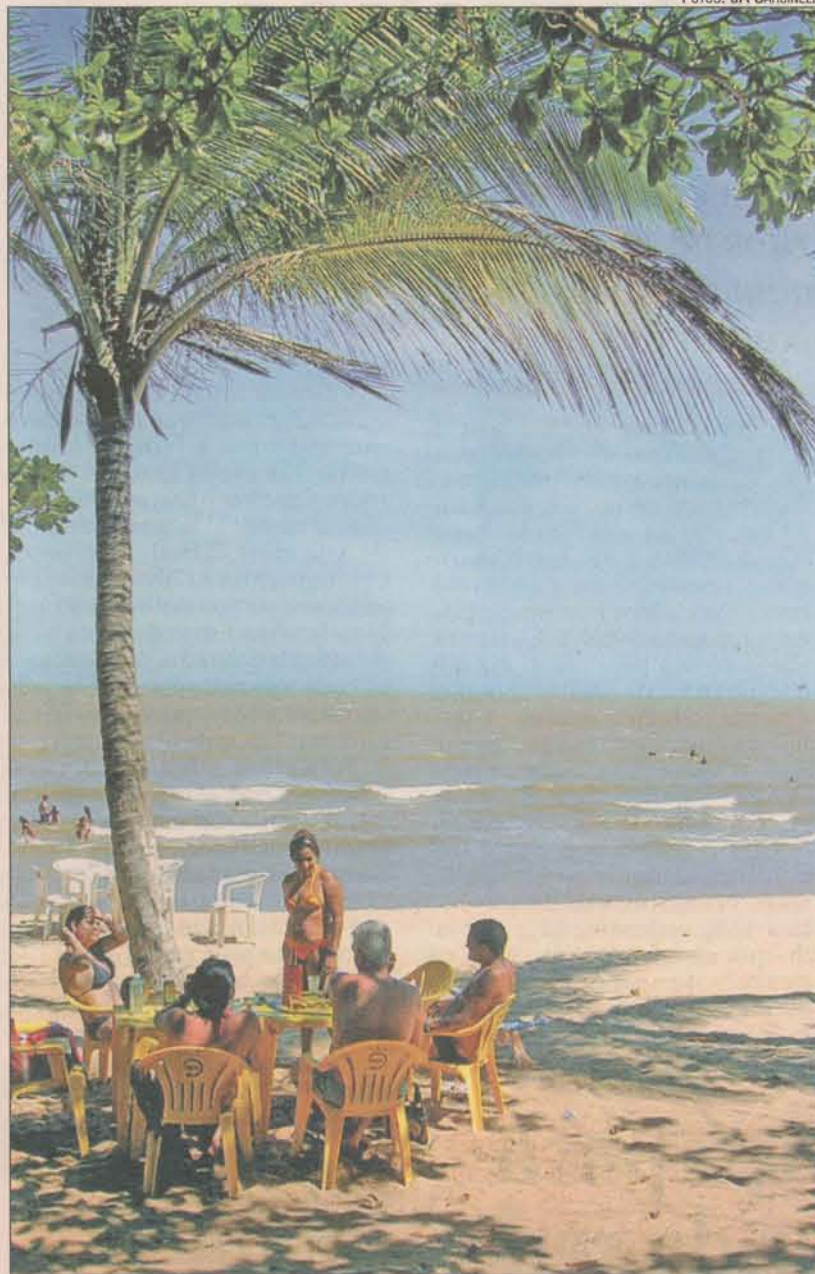
O dinheiro da temporada ali-

menta principalmente o comércio de eletroeletrônicos, veículos e de material de construção e a indústria da construção civil. "Muita gente consegue comprar um imóvel ou construir a casa depois do verão", acrescenta.

Quando a bolha de consumo pós-temporada termina, Piúma, diz o secretário, passa a depender quase que exclusivamente da pesca e do artesanato. Muitos pessoas vão buscar trabalho nas cidades vizinhas, principalmente em Iconha, que funcionam como economias complementares às de Piúma.

A número um em ce

FOTOS: JÁ SARCINELLI



Piúma à espera da alta temporada: bonança antes da 'tempestade'

Confraternização e casa para a folia

Os turistas que frequentam a praia de Piúma se caracterizam pela simplicidade, alegria e descontração. Em grupo ou sozinhos, alternam mergulhos nas ondas com cerveja, peróá e churrasco. Dali só saem ao escurecer. Quando saem.

O empresário do setor de rochas ornamentais Itamar Andreon, de Vargem Alta, optou por reunir os funcionários para a confraternização de fim de ano nas areias da praia de Piúma. O grupo, com 13 pessoas, deixou o es-

trasse nas montanhas e, às voltas com um churrasco, era puro relax. Itamar só queria saber de sombra, água fresca e uma cerveja bem gelada.

Piúma também atraiu a família do servidor da Prefeitura de Vitória Luiz Alberto Oliveira da Cruz. Ele conta que decidiu passar o carnaval na cidade e aproveitou o último sábado para fechar o aluguel de uma casa. Pagará R\$ 3,2 mil pelo período de carnaval. É a primeira vez que curtirá a folia no balneário.



Itamar (E) e Luiz Alberto se ecantaram com Piúma

Quiosques de Piúma mil caixas de cerveja mais de R\$ 6,4 milhões no carnaval chega

Na alta estação, de 21 dezembro a 25 de fevereiro, a praia de Piúma é literalmente invadida por veranistas do Oiapoque ao Chuí. Ou melhor, de Salvador a Santa Catarina. Jovens de 22 a 30 anos que lotam o balneário, atraídos pelo sol, cerveja, axé e, principalmente, pelo clima de paquera que rola no lugar. No período de carnaval, são esperados 300 mil visitantes. Haja cerveja para tanta gente! Para não deixar ninguém com sede, os donos de quiosques estão planejando a compra de 90 mil caixas de cerveja. São nada menos que 2,16 milhões de garrafas, equivalentes a uma injeção de R\$ 6,4 milhões na economia da cidade.

O verão e seu clímax, o carnaval, é uma das principais fontes de renda de Piúma, diz o secretário de Desenvolvimento Econômico, João Carmo. "Nossa opção foi potencializar o que já tínhamos que é o turismo de massa. Nosso turismo não é sofisticado e intelectual como o de Domingos Martins e Venda Nova. É um turismo popular. São pessoas simples de Minas Gerais, do Sul do

Aos pé

Bastam vinte minutos de ziguezague entre cafezais, bananais, capoeiras e florestas, alternando a primeira e a segunda marchas, para se vislumbrar não só uma das mais belas paisagens de Itapemirim e Piúma, como praticamente todo o território destes dois municípios. Trata-se da vista do topo do monumento paisagístico mais famoso do sul do Estado, o Frade e a Freira. Ali, aos pés do Frade, a família Scheidegger implantou uma pequena pousada, inaugurando o turismo de montanha na região.

A infra-estrutura compreende três chalés privativos com banheiro, TV e frigobar, cozinha e refeitório coletivos e uma piscina. Um quarto chalé está em fase de acabamento e dois outros em início de obra. Ou seja, um investimento que ampliará a capacidade instalada em 100%. O investimento nos novos chalés supera a R\$ 100 mil, diz Waldemar Scheidegger, que revela ser de uma de suas filhas, Waldelícia, a idéia de explorar turisticamente a propriedade. Ele aprova o projeto e está sempre por perto, até mesmo porque ainda cultiva café e milho nas terras.

Do chalé se tem acesso por trilha ao cume da montanha, ou seja, à cabeça do Frade. "Já estive várias vezes lá", revela. Na última parte do percurso, alguns utilizam cordas e equipamentos de escalada. Seu Waldemar não usa nada disso e, ape-

Cerveja, pagode e axé

Esperam vender 90 mil cervejas no verão, injetando dinheiro na cidade; público estimado em 300 mil pessoas



Divulgação/MPB

Os trios elétricos atraem uma verdadeira massa humana

turnas com shows de forró, axé, samba, pagode e MPB. É a maior concentração de pessoas em todo o litoral sul do Estado, diz o secretário.

A prefeitura investirá firme para repetir os 300 mil visitantes do carnaval passado e já fez acordo com o Ministério Público para garantir a folia. Os trios elétricos vão circular só até às 23 horas. A partir desse horário, a festa continua na praça de eventos. Os trios são da própria região e a grande atração é Beto Kauê, ídolo da cidade e que agita a galera tanto ou mais que Ivete Sangalo.

FEIRAS

Em Itapemirim, a temporada de verão tem impacto semelhante, porém em escala menor que

Piúma. As comunidades litorâneas, Itaoca e Itaipava, também atraem veranistas, mas o forte ainda é a pesca. Para o verão 2007, a prefeitura também realizará uma série de investimentos. Já está sendo recuperada parte da orla de Itaipava, destruída pela maré, e estão sendo feitas obras de saneamento.

Em Itaoca e Itaipava, além de área de camping de frente para o oceano, quiosques, restaurantes, passeios de escuna e barco, o turista poderá curtir uma série de eventos, como a Feira do Verão, que oferece peças de vestuário em couro e bijuterias, e a feira de artesanato em conchas e sementes, sendo a mais famosa a dos artesãos da Lagoa Guandand.



O ídolo Beto Kauê: preparativos

Estado e de outras partes do país que querem curtir uma praia e escolheram a nossa. Ficamos felizes e assumimos isso".

A cidade se adequou à demanda e possui 67 hotéis e pousadas e uma ampla rede de bares, restaurantes, lanchonetes e casas noturnas. Durante o verão e o carnaval, as atrações para o público são muitas. Cerveja e peroá nas barraquinhas da praia, calçadão, trio elétrico, casas no-



FOTOS: JA SARCINELLI

Câmara de Itapemirim: quadro do imperador D. Pedro II

Um mergulho no mar e na história

A sede de Itapemirim não fica à beira-mar como a de Piúma, mas oferece um mergulho inesquecível para aqueles que querem ir além da cerveja e do peroá: um mergulho na história da colonização e da industrialização capixaba. E as atrações são tantas que vale a pena abrir mão de um dia de praia para conhecer o lugar. Só a centenária igreja matriz, fundada em 1853, paga o passeio.

Mas há ainda outra surpresa: dois óleos sobre tela com a imagem de D. Pedro II e de dona Teresa Cristina. Os quadros foram comparados por Joaquim Marcelino da Silva Lima, o Barão de Itapemirim, e doados, em setembro de 1860, à Câmara Municipal, marcando a inauguração da casa de leis e a passagem do imperador pela cidade. É um dos poucos quadros que retratam D. Pedro II ainda jovem, aos 30 anos.

Os quadros foram restaurados e estão expostos à apreciação pública no mesmo lugar onde sempre estiveram – o plenário da Câmara. Por coincidência, a Câmara funciona no mesmo endereço, o primeiro pavimento do sobrado adquirido por dez contos de dona Josefa Souto Belo. A única diferença é que em 1860

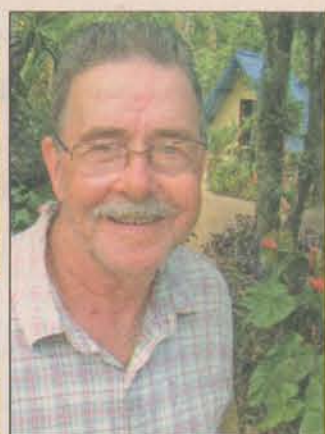
funcionava no térreo a cadeia e o quartel de polícia.

Quando D. Pedro II visitou Itapemirim, as ruas eram iluminadas por candeeiros de óleo de mamona. Havia na vila um porto para desembarque e dois hotéis – Gibóia e Garibaldi – e dois sobrados luxuosos: o de dona Josefa, onde passou a funcionar a Câmara, e o da família Brum, onde o imperador ficou hospedado.

O rio Itapemirim margeia a cidade e em sua foz, hoje município de Marataízes, estão os escombros do trapiche do outrora maior porto do Espírito Santo. Ali estão também as ruínas da estação de cargas da Leopoldina. O local foi inaugurado em 1930 e recebia toda carga destinada à exportação para o Rio de Janeiro. Hoje abriga restos de carros alegóricos de um bloco carnavalesco.

Pouco acima de Itapemirim, às margens do rio, está a usina Paineiras, um marco histórico da industrialização capixaba. As instalações lembram o estilo vitoriano das antigas fábricas inglesas. Fundada em 1912 com recursos do Governo do Estado e privatizada em 1937, a usina funciona nas mesmas instalações erguidas há 94 anos e é também uma atração turística do município.

Chalés do Frade e da Freira



O Frade visto da de um dos chalés da pousada e Waldemar Scheidegger: turismo de montanha em Itapemirim

sar da idade, não tem problema algum em alcançar o cume. "O visual é maravilhoso", acrescenta Valquíria, a filha responsável pela gerência da pousada.

Mesmo com as fortes chuvas ocorridas em novembro, foi possível chegar à pousada sem problemas. Mas o sonho da família é ver cumprida a promessa da Prefeitura de Itapemirim de calçar pelo menos parte da estrada.

MERCADO

A família Scheidegger já não mora no lugar. Seu Waldemar fica em Rio Novo do Sul e não tem mais o compromisso de subir a montanha. Valquíria dá aulas em escolas do Estado e da Prefeitura e só tem tempo à noite para cui-

dar dos negócios da pousada. A estrada de acesso aos chalés fica na BR 101, a dois metros da entrada sul de Cachoeiro de Itapemirim. É só abrir a porteira de metal e subir. Não há sinalização. Valquíria diz que as placas estão prontas há dois meses. Só não teve tempo de instalar.

A Pedra Frade & Freira Chalés só funciona nos fins de semana. Durante a semana, o local fica sob os cuidados de um caseiro. As reservas têm que ser feitas com antecedência por telefone celular – (28) 8113-0402. Há Internet na pousada, só não há quem abra o site e atenda os pedidos on-line. Apesar de a pousada ser pouco conhecida, existe procura. Predominam famí-

lias e casais da região. Mas já há um novo segmento se formando, o de amantes de esportes radicais. Um pouco abaixo dos chalés há a plataforma para saltos de asa delta. Os frequentadores, segundo Valquíria, afirmam que o local tem boa térmica.

Os novos chalés ficarão prontos até o carnaval e a partir daí serão investidos recursos em divulgação. A diária é de R\$ 25,00 por pessoa, com direito a café da manhã. A refeição individual sai por R\$ 8,00. O cardápio é simples: farofa, carne assada, arroz, feijão e salada. Mas os visitantes querem mesmo é galinha caipira com polenta. "A maioria pede este prato", diz a ajudante de cozinha Valciléia.



O sobrado onde funciona a Câmara é uma das atrações

Pergaminho em diplomas da Harvard

Pequena indústria de Piúma se projeta internacionalmente confeccionando peças artesanais a partir de pele de carneiro e cabras

Na contramão de um mundo pautado pela alta tecnologia e pela produção em massa de produtos descartáveis, uma pequena empresa do micro pólo industrial de Piúma, a Exótica Couros e Peles, consegue se projetar internacionalmente através de um produto artesanal feito para durar séculos: o pergaminho. As peças têm demanda na Alemanha, Holanda, Inglaterra e Estados Unidos e uma de suas utilidades é a encadernação de livros e confecção de diplomas. Entre as universidades que já confeccionaram diplomas com o pergaminho capixaba está a norte-americana Harvard, a mais famosa do mundo.

O pergaminho tem sua origem há mais de 2.000 anos, na cidade de Pérgamo, na Ásia Menor, e graças a ele a humanidade conseguiu preservar, conservar, estudar, pesquisar e resgatar a sua história. O papiro é feito de fibras vegetais e após 40 anos resseca e quebra. O pergaminho, por ser feito com pele de animais, é mais resistente e pode durar milênios, revela o diretor operacional Pedro Antônio Augusto. "Os evangelhos, datados de dois mil anos, foram preservados por terem sido escritos em pergaminho", lembra.

A Exótica foi implantada em Piúma em 1995, direcionada inicialmente para o mercado de peles exóticas, como galinha, peixe, rã e marreco. O negócio não

evoluiu e a empresa se viu obrigada a buscar um novo nicho de mercado. O pergaminho foi um grande achado. Só existem três empresas do gênero no país e a Exótica é a única da América Latina que exporta. As peças são produzidas a partir de pele de cabra e de carneiro.

A produção gira em torno de 15 mil peles/ano, sendo 80% para o mercado doméstico. Pedro Antônio diz que a arte do pergaminho é milenar e que o Brasil, um país jovem, de apenas 500 anos, não tem tradição nesta área. "As peças lá fora são mais artesanais, bem no estilo medieval". O pergaminho de pele de cabra tem conquistado espaços e a pequena indústria de Piúma começa a receber a visita de curiosos da Europa.

"Em maio, teve um holandês que ficou uma semana conosco". Segundo ele, são frequentes os e-mails do exterior elogiando a qualidade das peças em pele de cabra.

Uma pele de pergaminho é exportada por valores entre US\$ 28,00 e US\$ 30,00. A matéria-prima vem do Nordeste. Uma vez por mês, o caminhão da empresa percorre a região para adquirir as peles de cabra. As peças devem ser salgadas para evitar o apodrecimento. O processo de transformação em pergaminho é segredo industrial. A empresa emprega 14 pessoas e tem planos de fazer pergaminho de pele de bezerro, os mais valorizados no exterior.



Pergaminho: arte milenar



O funcionário Francisco Evaldo com um recorte de pergaminho de cabra: venda para Europa e EUA

Projeto de documentário para TV

Além de diversificar a linha de produtos, a Exótica pretende tornar realidade no próximo ano um projeto que é o grande sonho do diretor Pedro Antônio Augusto: produzir um documentário de TV contando a história do pergaminho, o produto no dia-a-dia hoje e ao longo das civilizações, e o processo de produ-

ção, que começa com a criação de cabras no Nordeste e chega a Piúma, na costa sul capixaba.

"Já fizemos toda a pesquisa histórica sobre o pergaminho. Agora é registrar a produção de pele de cabra, que nasce da necessidade de sobrevivência do nordestino, as etapas até chegar no Espírito San-

to e o processo de produção final do pergaminho, em Piúma", conta.

O diretor planeja exibir o documentário nas TVs Educativas, Canal Futura, TVs a cabo, escolas e comunidades. O objetivo é divulgar a arte do pergaminho e mostrar sua importância para a preservação da história.

Pias para o Rio de Janeiro

Por estar próxima do pólo de rochas ornamentais de Cachoeiro de Itapemirim, Piúma desperta o interesse de empresas de beneficiamento de mármore e granito. No pólo empresarial da cidade, já opera uma destas empresas, a Jararahi, especializada em pias e soleiras de porta e janela, entre outras peças acabadas.

O negócio vai de vento em popa, revela o proprietário Charles Garcia. O principal mercado é o Rio de Janeiro, para onde envia 99% da produção. São 360 pias e 3.200 soleiras por mês. As de granito têm mais saída e dentre estas, as nos tons verde, amarelo e cinza. A empresa emprega dez pessoas e o faturamento anual é de aproximadamente R\$ 1 milhão.

As pias seguem já com cubas, o que é um diferencial da empresa em relação aos concorrentes. Toda semana segue um caminhão abarrotado de peças para o Rio de Janeiro.



Charles Garcia e as pias produzidas no pólo de Piúma

Pólo tem espaço para 200 empresas

Único município do litoral sul do Estado com pólo empresarial, Piúma quer fazer deste espaço uma grande concentração de empresas. Enquanto a Superintendência dos Projetos de Polarização Industrial (Suppin), do Governo do Estado, prepara a licitação pa-

ra a pavimentação de todo o pólo, o município reserva no Plano Diretor Municipal (PDM) mais 500 mil m² de área para futura expansão, elevando a capacidade de 40 para 200 empresas.

O secretário de Desenvolvimento Econômico, João Carmo,

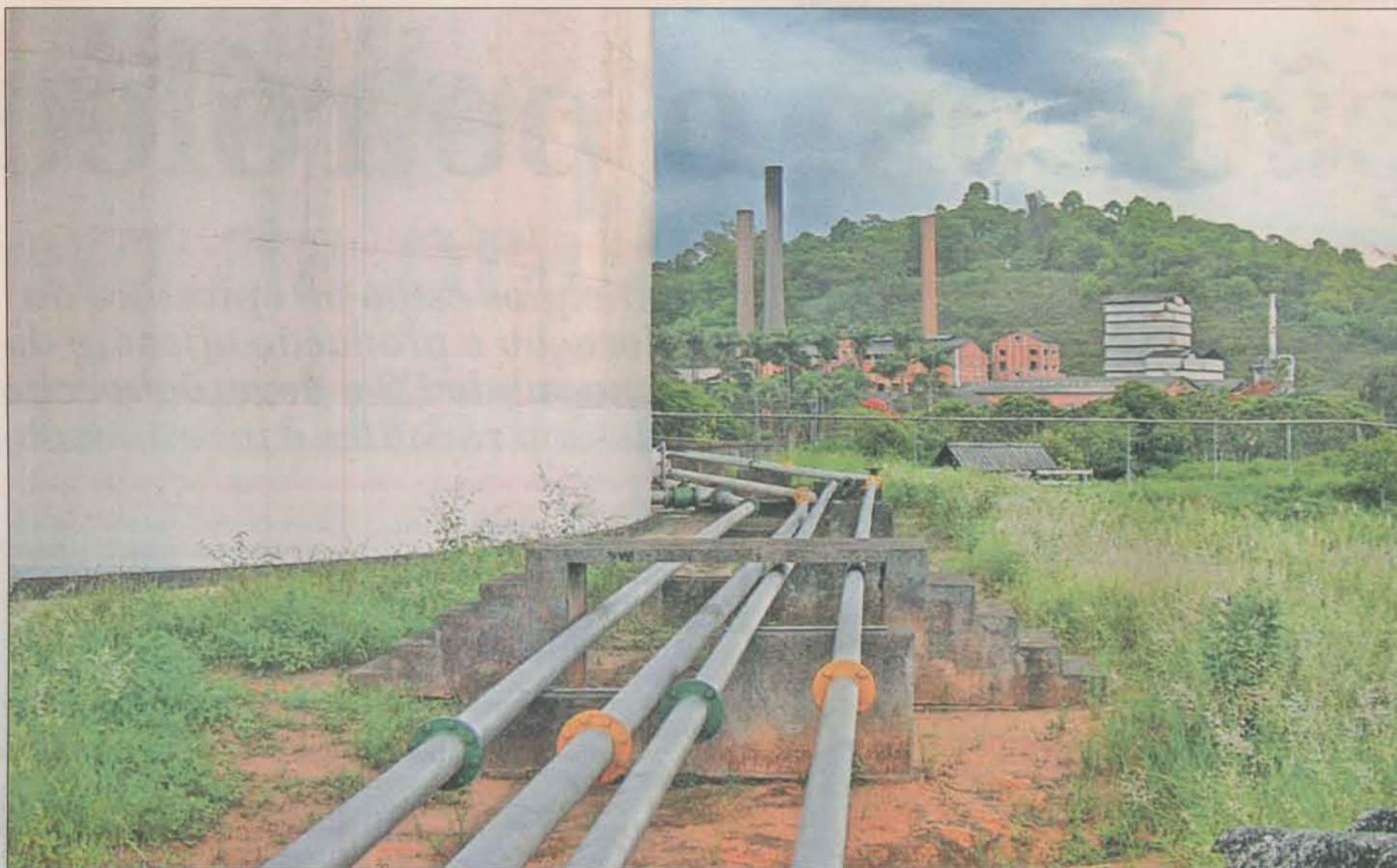
diz que nos últimos dois anos mais cinco empresas adquiriram lotes e que agora são nove empreendimentos no pólo. "Já dobramos de tamanho", comemora. Entre as novas empresas estão uma distribuidora de gás, uma locadora de máquinas e veículos pesados, uma ma-

deira, uma fábrica de embutidos e uma marmoraria.

INCUBADORA

O pólo empresarial deverá abrigar também uma incubadora de empresas. O projeto, destaca o secretário, já foi aprovado pelo Ministério do Desen-

volvimento. O município espera agora a liberação de recursos federais para iniciar a obra. Ainda em 2007, a incubadora deverá estar operando. Serão incubadas 12 empresas, nas áreas prioritárias de informática, confecções e artesanato, revela.



O subcontador Marco Antônio e os tanques de estoque de álcool da Usina Paineiras, em Itapemirim: pólo sucroalcooleiro em franca expansão

‘Terceira onda’ na cana-de-açúcar

Demanda por álcool e açúcar é crescente e Usina Paineiras, de Itapemirim, investe em novos plantios para atender mercado

Com o mundo demandando álcool e açúcar como nunca, a matéria-prima destes produtos, a cana-de-açúcar, passou a ser vital para o negócio. Ter mais cana significa apurar mais receita e lucros. Ciente disso, a Usina Paineiras, em Itapemirim, está ampliando os plantios para a safra do próximo ano em mais 2.417 hectares. São áreas próprias antes ocupadas por pastagens e que agora suprirão a indústria. A Usina Paineiras moe cana-

de-açúcar de maio a dezembro. Entre janeiro e maio, pára para manutenção. Como fez muito sol e não choveu na hora certa, a safra deste ano não foi boa e acabou mais cedo, em outubro, diz o subcontador Marco Antônio Bahiense Amaro. A produção foi de 678 mil toneladas contra 900 mil em 2005, uma queda de 24,6%. Marco Antônio acrescenta que este será um ano de prejuízo porque as despesas não recuaram na mesma proporção da receita.

TERCEIROS

A maior parte da cana processada pela Paineiras é originária de terceiros. Das 678 mil toneladas moídas neste ano, 518 mil – 76,4% – foram fornecidas por produtores do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Os plantios próprios representam 159 mil toneladas, o equivalente a 23,59% do total.

A indústria foi implantada em 1912 para gerar empregos e renda e estimular a economia da região. A missão vem sendo cumprida ao pé da letra. Os plantios de cana se estendem por boa parte do Sul do Estado, alcançando, além de Itapemirim, Presidente Kennedy e Marataízes.

A Paineiras produziu neste ano 800 mil sacas de 50 quilos de açúcar; 21,7 milhões de litros de álcool anidro, que é o álcool misturado à gasolina; e 5,2 milhões de álcool hidratado. Metade do

açúcar foi exportado pela Coimex. A outra metade foi vendida no próprio Estado, sendo os principais clientes os supermercados Perim e Casagrande, a Refrigerantes Coroa e a Chocolates Garoto. O álcool foi destinado às companhias petrolíferas, com destaque para Petrobras, Esso e Ipiranga.

O faturamento neste ano soma, até agosto, R\$ 59 milhões. Até dezembro, deve alcançar R\$ 75 milhões, 11,7% a menos que em 2005. A Usina Paineiras gera um Valor Adicionado Fiscal (VAF) de R\$ 33,33 milhões, que corresponde a 37,4% do VAF total do município, acrescenta o gerente de Fazenda e Finanças da prefeitura, Anquizes Meirelles Cunha. É o maior empregador e contribuinte individual de Itapemirim. O segundo maior contribuinte é a Atum do Brasil, com um VAF de R\$ 8,8 milhões.

Quadro na safra soma 1.857 pessoas

A Usina Paineiras operou durante a safra com um quadro de 1.857 trabalhadores, incluindo os da coligada Agropecuária Carvalho Brito. Na última semana, operava com 1.295 funcionários.

Os 507 cortadores de cana de Alagoas contratados para o período de safra já foram embora. Um pessoal que deixa pouco dinheiro na cidade, acrescenta o gerente de Fazenda e Finanças da Prefeitura de Itapemirim, Anquizes Meirelles Cunha, porque o objetivo deles é o mesmo dos brasileiros no exterior: poupar para levar dinheiro para casa.

Segundo ele, a unidade da Marinha do Brasil, instalada na praia do Pontal, traz mais recursos para a cidade que os trabalhadores temporários.



Edson Sartório: peça abre...

Tijolo que dispensa massa

Um tijolo que dispensa massa seria uma invenção dos sonhos para a indústria da construção civil. As construtoras poderiam reduzir custos com materiais e, o mais importante, ganhar tempo. Esta invenção existe e está patenteada por uma das mais importantes cerâmicas de Itapemirim, a Cimaco, do empresário Edson Sartório.

A patente abre as portas do mercado externo para a empresa, acredita o empresário, o que é uma opção atraente no momento atual do setor, que atravessa uma das piores crises da história devido

à concorrência predatória do pólo cerâmico de Campos (RJ), baseada em descontos irreais.

As peças são produzidas com um sistema de encaixe e as empresas só terão que utilizar uma espécie de cola. Os tijolos que dispensam massa começam a ter demanda no mercado. “Algumas construtoras de Vitória já o estão utilizando em suas obras”, diz

A Cimaco tem uma linha diversificada de produtos e centra seu mercado na Grande Vitória. A empresa possui uma frota de seis caminhões para a entrega dos tijolos e peças cerâ-

micas na obra. A carga é paletizada, o que facilita o transporte. O volume de produção gira em torno de 120 toneladas/dia e a venda é direto com a construtora.

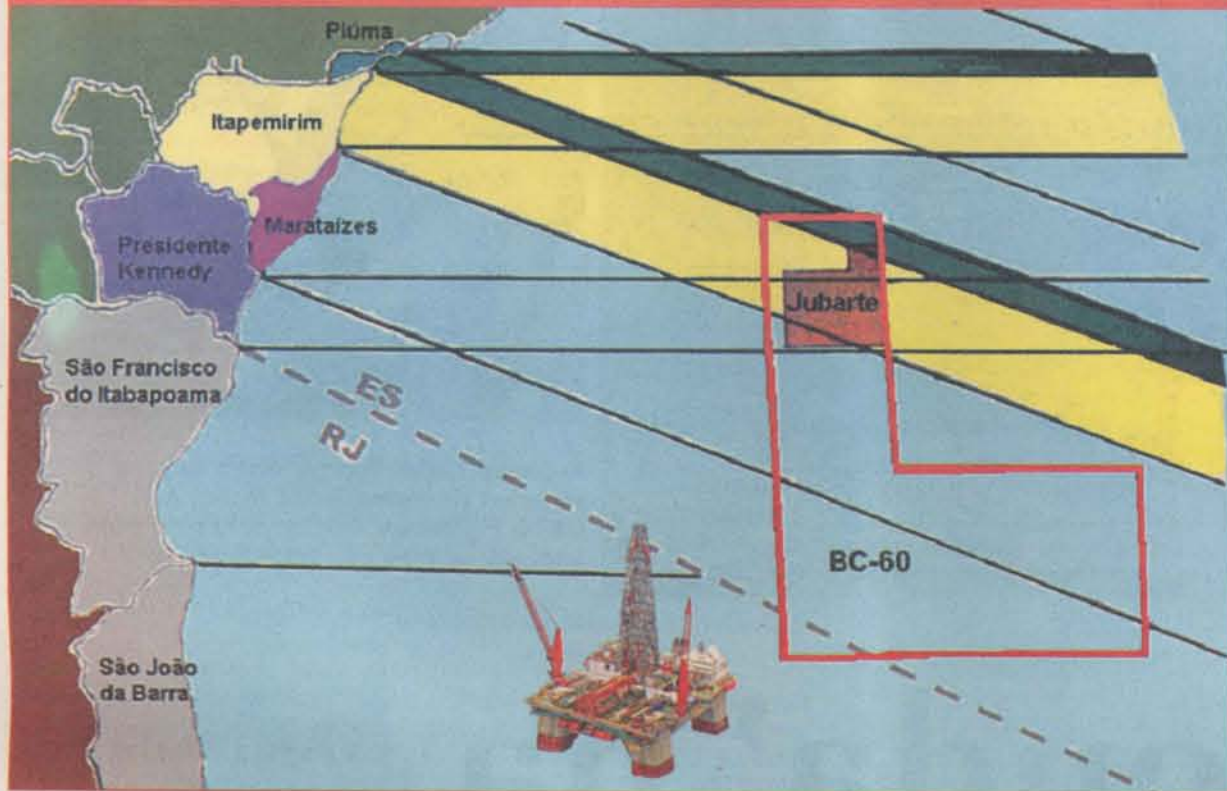
O pólo cerâmico de Itapemirim agrupa 10 empresas e 600 funcionários. “Já fomos em 16, antes da crise gerada pelas empresas de Campos”, afirma. A Cimaco possui linhas automatizadas de produção, que garantem a homogeneidade das peças, um atributo de qualidade indispensável para o sucesso de uma obra.



... caminho à exportação

Revolução com o petróleo

A FATIA DOS MUNICÍPIOS EM JUBARTE



Bolo de recursos deve crescer 200% com a P-34

Se para os moradores de Vitória a partida da plataforma P-34, em novembro último, representou a perda de um bom negócio para a cidade, para os moradores de Itapemirim e Piúma é motivo de festa porque representa a retomada da produção de petróleo no campo de Jubarte e a volta do recolhimento de royalties para os municípios do litoral sul do Estado. E há um motivo extra para comemorar: a produção se dará em volume de 60 mil barris/dia, três vezes maior que os 20 mil/dia anteriores – incremento de 200% –, o que significa um bolo maior de recursos. O impacto nos royalties também deverá ser de 200%.

O campeão de royalties do litoral Sul do Estado é Presidente Kennedy. Além da indenização pela lavra em Jubarte, também recebe pela produção de Roncador. Este campo tem 8,22% de sua área dentro das águas territoriais do município. Neste ano, Kennedy já recebeu R\$ 7,4 milhões de repasses da indústria do petróleo, conforme dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP).

Itapemirim é o segundo no ranking da região, com R\$ 2,1 milhões no acumulado até novembro. O município alcança boa parte de Jubarte com a projeção das linhas ortogonais (em amarelo, no mapa acima). Marataízes e Anchieta também se beneficiam



Sistema de tubos da plataforma P-34: 60 mil barris/dia de óleo

dos royalties gerados por Jubarte, porém em menor escala. Em 2009, quando se iniciará a terceira fase de produção, o campo renderá 150 mil barris/dia, através de 21 poços produtores. Como alcança Jubarte com suas linhas ortogonais e paralelas, Kennedy ficará com a maior parcela dos royalties.

Marataízes e Piúma perderam participação porque a área retida pela Petrobras diminuiu depois que a empresa delimitou com mais precisão a extensão do campo. Os dois municípios serão be-

neficiados quando começar a produção de óleo nos campos vizinhos a Jubarte e que fazem parte do Parque das Baleias – Baleia Anã, Baleia Franca, Cachalote e Baleia Bicuda. Todos estes campos estão situados ao Norte de Jubarte e compreendidos entre as linhas ortogonais de Piúma e Itapemirim e as paralelas de Marataízes. A Petrobras prevê iniciar a produção de pelo menos um destes campos – Cachalote – nesta década, com vazão inicial de 120 mil barris/dia.

Municípios estão no epicentro da exploração e produção offshore do extremo sul do ES e deverão receber milhões em royalties e investimentos

N um curto espaço de tempo, o litoral sul capixaba vai estar pontilhado por plataformas de petróleo. Só no antigo BC-60, a Petrobras descobriu sete campos e os batizou com o nome de baleias. Por enquanto, só um, Jubarte, está em fase de produção. Mas até 2010, entrará em produção o segundo campo, Cachalote, com vazão inicial de 120 mil barris/dia. Os dois poços deverão produzir em conjunto cerca de 270 mil barris. Se não bastasse, há ainda o BC-10, da Shell, previsto para entrar em cena, na mesma época, com outros 100 mil barris/dia.

O cenário para o litoral sul do Estado é de um volume diário de petróleo da ordem de 350 mil barris/dia. Um volume desta proporção representa para os municípios um bolo de royalties próximo de R\$ 30 milhões/mês. Só o giro deste dinheiro, seria suficiente para alavancar a economia das cidades. Neste caso, seria a prefeitura o principal agente de fomento econômico.

Mas para retirar tamanho volume de petróleo, são necessários investimentos em infraestrutura e serviços. Tanto a Petrobras como a Shell deverão investir pesado na região, sem contar as empreiteiras e prestadoras de serviços ligados à cadeia gás-petróleo. Muitos fornecedores deverão instalar bases na região para atender as duas companhias.

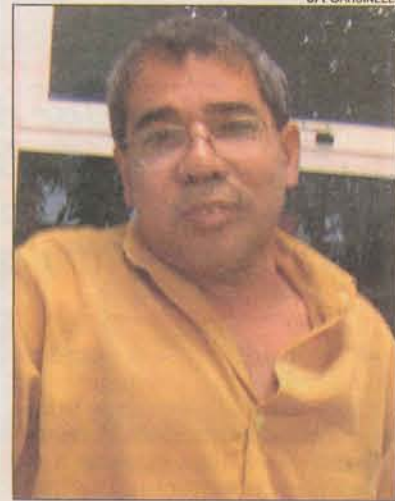
DIVERSIFICAÇÃO

O gerente de Planejamento e Gestão da Prefeitura de Itapemirim, Evaldo Batista da Silva, admite que a região não será mais

a mesma com o petróleo e que o município pretende utilizar o dinheiro dos royalties para viabilizar a inclusão social e a diversificação de atividades. “Assim, quando o petróleo acabar, teremos um município estruturado e capaz de viver sem ele”. Itapemirim recebeu, nos últimos oito anos, R\$ 10 milhões de royalties do petróleo.

Uma das ações será na área do agroturismo e do ecoturismo. O monumento natural do Frade e da Freira, hoje uma reserva municipal, deverá ser transformada em parque estadual. Há ainda a reserva do Ouvidor que poderá ser explorada. Evaldo acrescenta que 80% dos moradores e Itapemirim estão no campo e que será feito um inventário do que pode ser explorado turisticamente neste setor. No âmbito da pesca, atividade forte no município, a meta é incentivar a produção de peixes e moluscos em cativeiro, através de fazendas marinhas e de tanques redes.

JA SARCINELLI



Evaldo: investimento social

Redenção de Piúma nas mãos da Shell

Os sete campos petrolíferos descobertos até o momento pela Petrobras no BC-60 não terão o mesmo impacto, para Piúma, em termos de royalties, que o BC-10 da Shell. O secretário de Desenvolvimento Econômico, João Carmo, disse que ouviu de técnicos da empresa que o bloco está frontal ao município.

A produção do BC-10 está prevista para começar em 2009 a um volume de 100 mil barris/dia, mantendo-se neste patamar até 2014. Depois, seguirá uma curva de declínio natural. A vida útil do projeto se estende até 2037. O volume recuperável é da ordem de 450 milhões de barris e está distribuído entre quatro reservatórios.

A Shell pretende ligar o

BC-10 ao campo vizinho de Jubarte aproveitando a infraestrutura da Petrobras para escoar a produção de 30 mil m³/dia de gás associado ao óleo. Ao todo, serão ligados 19 poços produtores ao navio-plataforma FPSO a ser instalado no local.

O bloco é uma joint-venture entre Shell (35%), Petrobras (35%) e Esso (30%) e o óleo no local é do tipo pesado, entre 16 e 24 graus API. Em função da alta viscosidade, o índice de recuperação é baixo, entre 20% e 40%. Piúma deverá alcançar o BC-10 pela projeção de suas linhas ortogonais. A Shell deverá recolher para os municípios situados na zona dos royalties um bolo mensal de recursos em torno de R\$ 8 milhões.

ROYALTIES NO SUL CAPIXABA

Município	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Itapemirim	363,23	473,49	334,51	759,79	864.801,16	4.631.557,90	3.071.874,80	2.110.674,52
Piúma	295,96	385,78	273,15	624,04	37.242,27	31.328,64	40.214,87	144.728,07
Pres. Kennedy	133.240,65	458.020,27	655.657,41	186.727,01	3.275.332,03	9.642.680,75	8.644.694,89	7.416.798,70
Marataízes	363,23	473,49	334,51	759,79	45.338,43	607.962,19	394.936,81	252.832,33
Anchieta	322,87	1.714,34	0	0	287.084,69	571.255,49	578.753,22	1.405.161,66
Guarapari	470,86	613,78	432,65	976,93	58.292,28	49.036,17	62.945,04	226.530,88

Fonte: ANP. Valores em R\$

Apostando em recursos humanos

Municípios querem atrair empresas de qualificação de mão-de-obra se transformar em base de apoio à atividade siderúrgica e onshore

De olho nos megainvestimentos na produção de petróleo e na instalação de um pólo minero-siderúrgico na região de Anchieta, Piúma e Itapemirim querem atrair para seus territórios empresas prestadoras de serviço na área de formação de mão-de-obra, qualificação profissional e informática e se transformar em bases de apoio técnico e científico ao desenvolvimento da atividade na região.

Em Itapemirim, um projeto já aprovado pelo Ministério da Educação e Cultura e que será viabilizado em 2007 é a implantação da Universidade Aberta do Brasil (UAB). A prefeitura irá construir um centro de estudos para receber uma extensão da Univer-

sidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com 30 cursos, revela o gerente de Planejamento e Gestão, Evaldo Batista da Silva.

Evaldo diz que o petróleo inaugura uma nova fase econômica e administrativa na vida de Itapemirim. Além da qualificação dos moradores, o processo prevê, ainda, o treinamento dos servidores para que o setor público também possa atender as novas exigências da sociedade.

SALVATAGEM

Os esforços de Piúma, que também investe em formação profissional, é no sentido de viabilizar uma escola de salvatagem. Já existem conversas avançadas com o grupo holandês Falck Nutec, que preten-

de implantar no município um grande empreendimento nesta área, segundo informa o secretário de Desenvolvimento Econômico, João Carmo.

A salvatagem inclui todos os treinamentos em segurança exigidos por legislação internacional e que são cumpridos pela indústria do petróleo. Para o profissional embarcar em uma plataforma, só mediante a realização do curso. E na condição de nova província petrolífera do país, o Espírito Santo representa um grande mercado para empreendimentos em salvatagem. Carmo diz que o grupo já solicitou à Prefeitura de Piúma a liberação de uma área junto ao mar para sediar a escola.

Piúma quer crescer sem sacrificar a qualidade de vida e a formação de um pólo de qualificação profissional e de suporte tecnológico em informática permite isso, diz Carmo. "Não queremos empresas poluentes", afirma. Já Evaldo entende que Itapemirim vive um novo tempo e que a cidade precisa se preparar para isso.

Telecentros de inclusão digital

Para que os moradores de Piúma não fiquem de fora do processo de transformação econômica do Estado e do município, decorrente da "Terceira Onda de Desenvolvimento", a Prefeitura implantará quatro unidades de telecentro em parceria com o Ministério do Desenvolvimento. As duas primeiras unidades chegam em dezembro e deverão estar operando até março.

Três telecentros vão ser instalados em bairros carentes e a gestão será compartilhada com as comunidades. A quarta unidade será gerida pela Secretaria de Desenvolvimento e funcionará como suporte ao projeto, onde serão ministrados cursos, treinamentos e oficinas para inclusão digital.

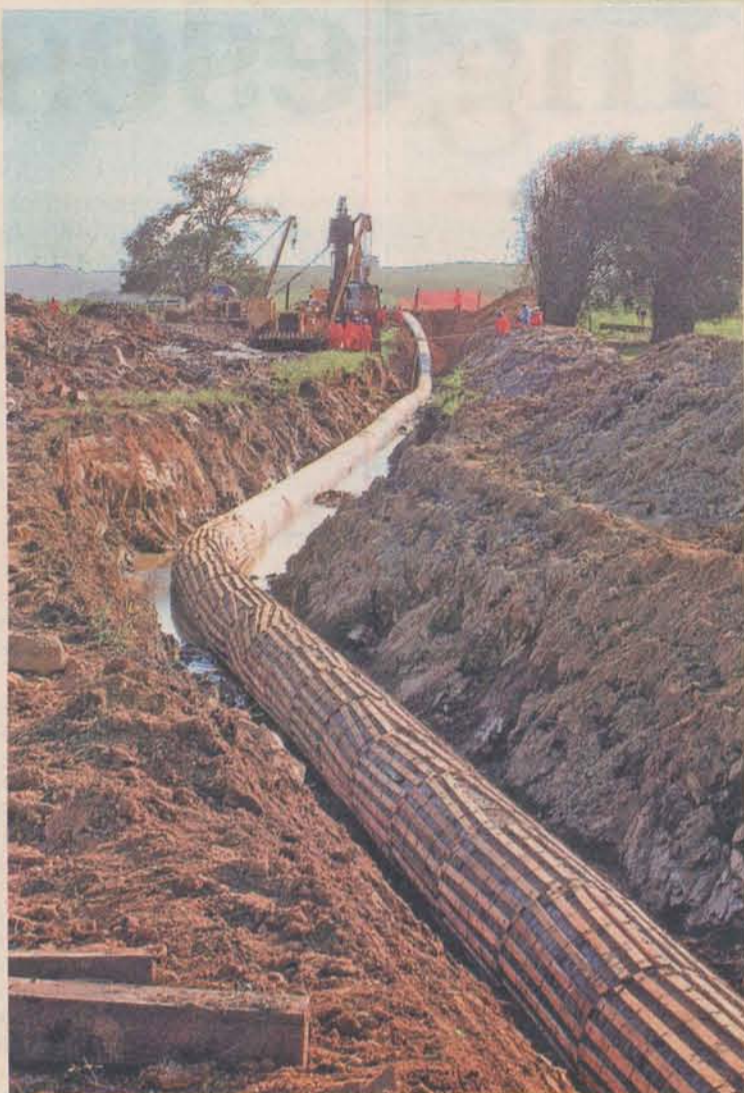
O telecentro da secretaria orientará a criação de *home pages*, para que as empresas locais possam divulgar, virtualmente, seus produtos e serviços. Os sites serão hospedados pela secretaria sem custo para os empresários.

Expediente

CADERNO ROTA DO MINERODUTO
ITAPEMIRIM E PIÚMA

Editor
José Antônio Sarcinelli
Reportagem
José Antônio Sarcinelli
Edição eletrônica
Andressa Rodrigues Machado
Tratamento de Imagem
Luiz Azevedo e Renan França Martinelli

Capa: Porto de Pesca de Piúma



FOTOS: JA SARCINELLI

Obras do Gasene: geração de empregos e renda

Impacto com Gasene e novo mineroduto

O sol ainda não está brilhando firme no céu, nem as praias estão fervilhando de corpos bronzeados e nem o axé e o pagode dominam os quiosques. O verão ainda não começou em Piúma e Itapemirim, mas os hotéis já estão lotados em função de de duas grandes obras de infra-estrutura executadas na região: o Gasoduto do Nordeste (Gasene) e o novo mineroduto da Samarco.

Em Piúma, quatro hotéis foram "fechados" pelas empreiteiras e são exclusivos das equipes de campo.

Os contratos de exclusividade devem render R\$ 2 milhões para cada estabelecimento. Mas a cidade pode enfrentar problemas na alta temporada, porque haverá menos leitos disponíveis para os turistas.

As obras do mineroduto estão avançadas e boa parte da tubulação já está sob a terra. O Gasene, por sua vez, ainda deve cortar o Vale do Oboró, região de alagados de Piúma onde se encontram os rios Novo e Iconha e que é conhecida como o "Pantanal Capixaba".

Itapemirim quer sediar retroporto

Assim como o Rio de Janeiro deflagrou, há dois anos, uma campanha feroz pela sede de uma nova refinaria de petróleo, projeto que estava sendo disputado por vários Estados, inclusive o Espírito Santo, Itapemirim está em campanha pelo porto que concentrará as atividades *offshore* da indústria do petróleo no Estado.

A campanha foi deflagrada em 2005 quando a Petrobras começou a cogitar a construção de um porto próprio no Estado para ser a base de suas operações no mar. A prefeitura continuou fa-

zendo gestões neste ano e em 2007 deve voltar à carga com força total, revela o gerente de Planejamento, Evaldo Batista da Silva.

O retroporto, explica, dará uma nova dinâmica à economia do município, na medida em que atrairia para o seu entorno dezenas e até centenas de empresas ligadas à cadeia gás-petróleo. O grande concorrente de Itapemirim é Anchieta, que já possui um porto de águas profundas (Ubu) e com um volume menor de investimento, a Petrobras teria a sua base para as operações *onshore*.



Unidade da Ufes, em Piúma: inauguração em março

Ensino superior em Piúma

Piúma receberá seus primeiros cursos de nível superior no próximo ano. A cidade está bancando, como contrapartida em convênio, as obras de implantação de uma pequena estrutura educacional, composta por cinco salas de aula, cantina, banheiros e auditório.

Serão implantados três cursos de nível superior em licenciatura – Física, Química e Biologia. Segundo a secretária municipal de Educação, Castorina do Nascimento Calenzani, o início das aulas está previsto para março de 2007.

Os cursos de licenciatura têm duração menor que os de bacharelato e as aulas são semi-presenciais. O município está bancando boa parte do investimento. O Governo federal entra com o modelo e a unidade de videoconferência.

O núcleo de extensão formará professores, uma carência do município. A secretária acredita que no futuro o núcleo poderá evoluir para a graduação plena em várias áreas, formando mão-de-obra

qualificada para o pólo petrolífero que deverá se formar no litoral sul do Estado. "Com os *royalties* do petróleo, que no futuro deverão ser bem mais abundantes, vamos poder realizar todos os nossos sonhos", antecipa.

O secretário de Desenvolvimento Econômico, João Carmo, acrescenta que no mesmo local funcionarão ainda outros projetos de formação de pessoal. Um deles é uma extensão do Cefet-ES, que já está sendo negociada. Somada à escola de pesca, a única do gênero no Sudeste, que oferece formação técnica em nível de primeiro grau, e as escolas-famílias do Mepes, com segundo grau profissionalizante em turismo e gastronomia, a cidade tem em mãos o embrião de um pólo educacional.

Mas a meta é avançar mais. João Carmo conta que está com projeto pronto para enviar para o Ministério da Ciência e Tecnologia prevendo a criação no município de um Centro de Vocação Tecnológica em Pesca, com desenvolvimento de pesquisa em biologia marinha.

Um reduto de ingleses

Piúma é um dos poucos municípios do ES fundados por ingleses; Taylor é o sobrenome mais comum na cidade

Eles estão em toda a parte. Na padaria, na serralaria, na peixaria, na marmoraria, no quiosque da praia, na Câmara Municipal, nos escritórios de advocacia e na prefeitura. Em cada esquina se encontra um deles. São os Taylor, descendentes diretos de uma das famílias fundadoras da cidade. Não estamos falando de nenhuma vila da Inglaterra, mas de Piúma, na costa capixaba, uma das poucas – senão a única – cidade do Estado colonizada por ingleses.

Os Taylor de Piúma são frutos da união do funcionário de uma madeireira, John Henrich Taylor, com uma nativa da tribo Puri. Eles trazem em seus traços a altivez inglesa e a espontaneidade e alegria típicas dos povos dos trópicos, resume o secretário de Desenvolvimento, João Carmo, para quem esta miscigenação é a ba-



Ronaldo (E) e Carlos Alberto são descendentes diretos do patriarca inglês John Henrich Taylor

se da cultura da cidade.

Um dos Taylor de Piúma é o ex-pescador e hoje advogado Wyatt Earp, nome que recebeu do pai, Ronaldo Nunes Taylor, um fã das histórias em quadrinhos e dos filmes so-

bre o xerife norte-americano. E é Wyatt quem conta, com orgulho, a sua origem e a da cidade.

Tudo começou em 1887, quando uma firma inglesa recebeu do imperador D. Pedro II

concessão para implantar na região uma serraria para produção e exportação de madeira. John Taylor comandou a serraria por anos. Junto com ele chegaram as famílias Dutton, Thompson, Oaks e Osa. Em

torno da serraria nasceu Piúma, “Os Taylor sempre foram homens do mar e ficaram próximos à costa. As outras famílias foram mais para o interior, em direção a Rio Novo do Sul”, explica.

Carlos Alberto Taylor, que trabalha na peixaria Edgar Taylor, diz que as ruínas da antiga serraria ainda estão de pé. Ela funcionava junto a um trapiche onde era embarcada a madeira. E revela que já houve a descoberta de dinheiro inglês na Ilha do Meio, uma das três ilhas oceânicas de Piúma.

Ele faz uma pequena pausa na história para reclamar do Ibama, que proibiu a pesca do camarão e ainda não liberou o dinheiro do defeso. O benefício, equivalente a um salário mínimo, sustenta as famílias durante o período em que vigora a proibição. “As famílias estão enfrentando dificuldades porque os pequenos barcos usados na pesca do camarão não são próprios para a pesca em alto mar”.

Ronaldo Nunes Taylor, o pai de Wyatt Earp, retoma a história e diz que a pessoa que encontrou o dinheiro era seu amigo do peito e que ele chegou a ver as moedas. “Eram libras esterlinas”, afirma. “Havia um buião cheio”, complementa. O buião é semelhante a uma tacha pequena.

JA SARCINELLI